



Aponte a câmera do celular para o QR Code e veja o momento em que J.D. Vance é retirado do jantar, antes de Trump, em meio aos tiros.

Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172



ESTADOS UNIDOS

Prisão perpétua à vista

Cole Tomas Allen, o homem que invadiu o jantar para correspondentes da Casa Branca, no sábado, é formalmente acusado de tentar assassinar o presidente Trump e de outros dois crimes. Ex-agentes do Serviço Secreto negam falha de segurança

» RODRIGO CRAVEIRO

Menos de 48 horas depois de tentar invadir o jantar de gala para correspondentes da Casa Branca, evento que contava com a participação de Donald Trump e de várias autoridades, o engenheiro mecânico Cole Tomas Allen, 31 anos, compareceu ante o juiz e tornou-se réu. Ele foi acusado formalmente de três crimes: tentativa de assassinar o presidente dos Estados Unidos, disparo de arma de fogo durante crime violento e transporte de arma de fogo e de munição durante comércio interestadual.

Se considerado culpado, a pena prevista é a prisão perpétua. Jeanine Pirro, procuradora do Distrito de Columbia, anunciou que mais acusações serão imputadas a Cole, à medida que as investigações avançarem. “Não se enganem, isto foi uma tentativa de assassinato do presidente dos EUA, e o réu deixou claro qual era a sua intenção: abater o maior número possível de membros de alto escalão do gabinete”, declarou.

De acordo com o jornal *The New York Times*, Cole vestia um macacão azul neon e mostrava-se calmo. Ele respondeu timidamente às perguntas do juiz e foi notificado sobre a possibilidade de enfrentar a prisão perpétua. A promotora informou que o réu carregava uma espingarda, uma pistola semiautomática e três facas, ao tentar alcançar o Salão de Baile Internacional, no saguão do hotel, no andar inferior, onde ocorria o evento. Ontem, a porta-voz da Casa Branca, Karoline Leavitt, atribuiu o ataque de sábado ao “culto da esquerda ao ódio” pelo presidente.

Antes do atentado, Cole enviou um e-mail aos familiares com um manifesto. No texto, ele pedia desculpas por sua decisão. “Não vou permitir mais que um pedófilo, esturador e traidor suje minhas mãos com seus crimes”, escreveu, sem citar Trump pelo nome. O réu esclareceu que seus alvos eram “funcionários da administração”, “priorizados do mais alto ao mais baixo escalão”.

Ex-procurador federal e presidente da West Coast Trial Lawyers (em Los Angeles), Neema Rahmani afirmou ao **Correio** que ainda é prematuro avaliar o tipo de pena que será

Mario Tama/Getty Images/AFP



Jornalistas posicionados do lado de fora da casa onde vivia o suspeito Cole Tomas Allen, em Torrance, perto de Los Angeles, na Califórnia

Tasos Katopodis/Getty Images/AFP



Funcionária do Departamento de Justiça mostra espingarda usada

aplicada a Cole. No entanto, admitiu que, caso o réu seja condenado, ele poderá ser sentenciado à prisão perpétua. “Será um caso difícil de ser defendido. O manifesto deixado por Allen é incriminador, e há um punhado de evidências de que ele era o atirador. A única estratégia viável e real

para a defesa é alegar que ele não tinha a intenção específica de matar o presidente”, observou.

Barbara McQuade — ex-procuradora federal e professora da Faculdade de Direito da Universidade de Michigan — disse à reportagem que a sentença de Cole depende de vários

» Kimmel na mira de Trump

O presidente Donald Trump exigiu que a emissora ABC demita imediatamente o apresentador Jimmy Kimmel, autor, segundo ele, de um “desprezível chamado à violência” por uma piada dirigida a Melania Trump. Em seu programa na semana passada, Kimmel disse que considerava que a primeira-dama irradiava “a aura de uma futura viúva”. “Isso realmente foi longe demais. Jimmy Kimmel deveria ser demitido imediatamente pela Disney e pela ABC”, escreveu o presidente. Ontem, Melania rompeu com sua habitual discrição pública e criticou o apresentador, acusando-o na rede social X de promover uma “retórica de ódio e violência”. Trump foi alvo de tentativa de assassinato durante comício em Butler, Pensilvânia, em 2024. Um homem armado efetuou vários disparos, matando um participante e ferindo o presidente na orelha.

fatores. “Por ora, é óbvio, há presunção de inocência. No entanto, se for condenado por tentativa de assassinato do presidente, então, sim, uma sentença de prisão perpétua parece provável”, admitiu. Quanto à defesa, Barbara não descartou que os advogados busquem alegar

insanidade de Cole. “É possível, se o réu atender aos requisitos legais, mas eles são rigorosos.”

Eficiência

Para Jason Russell, ex-agente do Serviço Secreto entre 2002 e 2010,

Eu acho...

Arquivo pessoal



“O Serviço Secreto, certamente, analisará sua abordagem para esse tipo de evento e, se houver oportunidades de ajustar os planos, eles serão ajustados. Prevejo que, em alguns casos, o perímetro de segurança será ampliado. Acredito que foi apropriado o presidente apoiar o Serviço Secreto, pois os agentes e policiais uniformizados presentes arriscaram suas vidas para protegê-lo, ao vice-Presidente e a outras pessoas na multidão. O presidente provavelmente entende o quão difícil é proteger alguém 100% do tempo e reconhece o trabalho que os agentes fazem por ele.”

JASON RUSSELL, ex-agente do Serviço Secreto entre 2002 e 2010, durante os governos de George W. Bush e de Barack Obama

durante os governos de George W. Bush e de Barack Obama, o plano de segurança montado para o jantar de gala de sábado funcionou. “O suspeito foi interceptado em um dos perímetros externos. Embora seja certamente preocupante quando alguém tenta algo assim, o Serviço Secreto estruturou a segurança em várias camadas para garantir que, se um invasor conseguir ultrapassar uma delas, existam outras para impedi-lo de atingir alguém que é protegido pelo organismo”, explicou ao **Correio**.

Durante o governo Obama, Barry Donadio integrou uma equipe de resposta a emergências da Casa Branca — uma unidade do Serviço Secreto. Ele disse à reportagem que não vê o incidente no Hilton como uma falha. “O posto de controle fez o que deveria fazer e deteve o homem armado. Ainda mais impressionante é que ninguém morreu, nem mesmo o réu, o que é sempre um resultado positivo. O atirador foi detido no posto de controle.”

Chá real na Casa Branca

Um encontro informal para o chá, na tarde de ontem, na Casa Branca, marcou a chegada do rei Charles II e da rainha Camilla a Washington para a primeira visita do casal real aos Estados Unidos. O desembarque do casal real britânico foi antecedido pela tensão produzida pelo incidente da noite de sábado em um hotel da capital norte-americana, onde o presidente Donald Trump e a primeira-dama, Melania, protagonizavam um jantar de gala com os jornalistas credenciados para a cobertura da presidência.

A viagem, a primeira do monarca ao país desde que ascendeu ao trono, em 2022, estava prevista

para comemorar os 250 anos da independência dos EUA em relação ao Reino Unido. Antes mesmo do atentado ao presidente americano, porém, as tensões entre Washington e Londres em torno da guerra com o Irã abalaram a chamada “relação especial” entre os dois países.

Em repetidas ocasiões, Trump cobrou do primeiro-ministro Keir Starmer maior participação do Reino Unido, aliado preferencial na Europa, no esforço de guerra contra o Irã. Em especial, a Casa Branca reclama a participação da Marinha Real em operações para liberar o tráfego naval pelo Estreito de Ormuz. Até aqui, Starmer e o presidente da França, Emmanuel

Suzanne Plunkett/AFP



Macron, têm promovido articulações com outros países para algum tipo de apoio militar — mas a ser colocado em prática depois de um acordo de paz entre Washington e Teerã.

Hoje, além de comparecer a um jantar de gala oferecido pelo anfitrião, Charles será o primeiro monarca britânico a falar perante o Congresso norte-americano desde

Trump e Melania recebem o rei Charles III e a rainha Camilla no Salão Verde da Casa Branca: encontro informal para iniciar visita

o discurso proferido em 1991 por sua mãe, Elizabeth II. De parte a parte, não se espera que o visitante faça mais do que alguma referência vaga — e, seguramente, sem citar os Estados Unidos ou Trump — à guerra no Oriente Médio. Reciprocamente, Trump deve poupar o monarca de suas críticas ao governo de Londres.

“Ele é meu amigo há muito tempo, então vamos nos divertir muito”, disse à Fox News, no domingo, o presidente, que tem 79 anos — dois a mais que o hóspede. Trump visitou o Reino Unido em setembro, pela primeira vez no segundo mandato

presidencial. Charles, por sua vez, retorna aos Estados Unidos ainda com os ecos do envolvimento de seu irmão, o ex-príncipe Andrew, no escândalo de pedofilia e exploração sexual de mulheres protagonizado pelo magnata Jeffrey Epstein, amigo de Trump. Como desdobramento, Andrew foi despojado dos títulos de nobreza.

O casal real britânico segue viagem amanhã para Nova York, com visita prevista ao memorial para as vítimas dos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001. Em seguida, Charles e Camilla embarcam para as Bermudas, no Caribe.

ORIENTE MÉDIO

Proposta do Irã sobre a mesa em Washington

A equipe de política externa e segurança nacional dos Estados Unidos examina, desde ontem, uma nova proposta do Irã para garantir a reabertura do Estreito de Ormuz, saída obrigatória para 20% do petróleo negociado nos mercados internacionais, extraído do Golfo Pérsico. O plano prevê que, enquanto seguem discutindo os termos para encerrar quase dois meses de conflito armado, ambas as partes suspendam o bloqueio que impõem à navegação comercial pela estratégica via marítima.

“Confirmo que o presidente se

reuniu com sua equipe de segurança nacional nesta manhã”, afirmou a porta-voz da Casa Branca, Karoline Leavitt, sem adiantar se o presidente Donald Trump estaria inclinado a acolher a proposta. Em declarações anteriores, o secretário de Estado dos EUA, Marco Rubio, tinha classificado como insuficientes as propostas do regime islâmico de Teerã sobre Ormuz.

“Se o que querem dizer é: ‘o estreito está aberto desde que você se coordene com o Irã e obtenha nossa permissão, ou iremos explodir você,

e ainda nos pague’, isso não é abrir o estreito”, disse Rubio à emissora pró-Trump Fox News. “Eles não podem normalizar — nem podemos tolerar que tentem isso — um sistema pelo qual os iranianos decidem quem pode usar uma via internacional de navegação e quanto você tem de pagar para utilizá-la.”

Em meio ao impasse diplomático com os Estados Unidos, o chanceler do Irã, Abbas Araghchi, foi ontem à Rússia e arrancou do presidente Vladimir Putin, após encontro bilateral, declarações de apoio ao “heroísmo

do povo iraniano”, em sua “luta pela independência”. O regime islâmico de Teerã aproveita uma trégua sem prazo definido, declarada pelos EUA, para se reforçar também no âmbito político-diplomático. No último fim de semana, fracassou a tentativa do Paquistão de sediar uma segunda rodada de conversações diretas a três com a perspectiva de custurar um acordo capaz de pôr fim à guerra iniciada com os ataques de EUA e Israel ao Irã, em 28 de fevereiro.

“A abordagem de Washington fez com que a rodada anterior de

negociações, apesar dos avanços, não alcançasse os objetivos, devido a exigências excessivas”, disse Araghchi na chegada a São Petersburgo, segunda maior cidade da Rússia e berço político do presidente Vladimir Putin.

O chanceler iraniano vinha de um fim de semana de intensa atividade diplomática: fez duas viagens à capital paquistanesa, Islamabad; visitou o vizinho sultanato de Omã, aliado ao Ocidente, mas ligado aop Irã por interesses como a exploração e o trânsito de petróleo e derivados;

e seguiu para Moscou, onde teve encontros com o chanceler Sergei Lavrov e o presidente Putin.

Desde que estourou a guerra no Oriente Médio, o mundo passou a “entender o verdadeiro poder do Irã”, e “ficou evidente que a República Islâmica é um sistema estável, robusto e poderoso”, disse ele a Putin, segundo a televisão estatal russa. O Kremlin prometeu que fará “tudo o que estiver ao seu alcance” para que “a paz seja alcançada o mais rápido possível”, assegurou Putin, citado pela mídia estatal russa.